

**ARTIGOS ACÉRCA DE LITERATURA BRASILEIRA
PUBLICADOS EM REVISTAS AMERICANAS
RECENTES (*)**

Alex Severino

1. Introdução

O interêsse dos Estados Unidos pelo Brasil durante os últimos cinco anos tem sido evidente. País enorme, de recursos inexplorados, distribuições desiguais de riquezas e poder político e conseqüentemente cenário de um desequilíbrio social que só agora começa a trepidar, tudo torna a nação brasileira o exemplo mais marcante na América Latina. Precisamente por isso, os Estados Unidos da América do Norte, através da Aliança para o Progresso, têm tomado consciência do Brasil, procurando se inteirar dos seus problemas e compreendê-los. Tal interêsse, não é, entretanto, tão repentino como poderia parecer à primeira vista. Quem quer que se dê ao trabalho de avaliar as relações entre os Estados Unidos e o Brasil nestes últimos tempos observará a atração constante, embora com laivos de romantismo, dos americanos pelo Brasil. Os visitantes brasileiros nos Estados Unidos — estudantes, professores, médicos, oficiais, etc., eram sempre pessoas qualificadas que provinham das camadas mais altas da sociedade brasileira, e que por conseguinte não representavam o brasileiro médio. Os americanos habituaram-se, pois, ao brasileiro culto, educado, de posição social privilegiada. Ademais, desde a época de Fred Astaire e Ginger Rogers em **Voando para o Rio**, e da popularidade de Carmen Miranda, os americanos têm enca-

(*) Este artigo foi traduzido para o português por Maria Helena Pinheiro, quartanista do Curso de Vernáculos e Inglês da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília.

rado o Brasil como um país de riqueza opulenta e de grande beleza — ricas e infindáveis plantações de café, lindas filhas de fazendeiros de pele tostada pelo sol, e o mistério romântico que envolve a beleza excêntrica de sua ex-capital, o Rio de Janeiro.

Faz-se necessário salientar que essa visão do Brasil era até agora irreal, fundamentada mais em sonhos visionários de americanos que num conhecimento real e objetivo da sociedade brasileira.

As arremetidas comunistas fomentadas pela injustiça social e pela distribuição desigual dos bens materiais, o anti-americanismo evidenciado em acusações confusas à exploração de riquezas através de empreendimentos americanos, a consciência nacionalista dos brasileiros que repudia qualquer protecionismo estrangeiro, tôdas essas forças somadas têm feito os americanos lançarem olhares curiosos e apreensivos para o seu vizinho do sul. Certificaram-se, então, de que o maior país da América Latina e o que mais reúne as possibilidades de grande potência, encontrava-se devastado pela miséria, analfabetismo e incompreensão das elites governantes, e se aperceberam também de que um programa de auxílio se fazia necessário para ajudar os países da América Latina a ajudarem-se a si mesmos. Além dos mútuos benefícios econômicos conseguidos através da Aliança para o Progresso, essa medida do Presidente Kennedy fêz com que o povo norte-americano se interessasse, agora em atitude mais realista, por tudo o que diz respeito ao Brasil. À medida que a bossa nova se tornava a música mais popular nos Estados Unidos, a literatura brasileira penetrava as “tôrreres de marfim” das universidades norte-americanas. Cursos de português eram instituídos nas universidades mais importantes. Em 1959, o Congresso dos Estados Unidos aprovou uma lei, National Defense Act, que reconhecia o português como uma das cinco línguas “críticas” para a segurança americana; isto é — especialistas nessas línguas deveriam ser formados, a fim de fomentar a compreensão entre países cujas línguas pouco conhecidas impediam a amizade e o conhecimento imprescindíveis para a manutenção da paz. Através dessa

lei, bôlsas de estudo foram concedidas a alunos pós-graduados que pretendessem especializar-se em uma dessas línguas, consideradas vitais para o país. Assim, institutos luso-brasileiros foram surgindo nas universidades de Wisconsin, Texas e New Mexico. Malgrado as vantajosas condições para o estudo do português ora existentes nos Estados Unidos, precisamos lembrar-nos de que, não fôsse o interêsse dos alunos pela matéria, êsses cursos não poderiam subsistir. Devido a êsse interêsse êles se instalaram e multiplicaram. Professôres brasileiros eram chamados para ocupar cátedras ràpidamente organizadas e a cultura brasileira foi pouco a pouco, uma vez aprendida a língua, penetrando na mente do aluno norte-americano. Muito embora vários romances brasileiros, principalmente de Machado de Assis, tenham sido vertidos para o inglês durante a primeira metade da década dos cinqüenta, sòmente agora testemunhamos uma renovação de interêsse por essas obras e, ao mesmo tempo, uma nova pléiade de traduções de literatura em língua portuguesa.

O reconhecimento efetivo da literatura brasileira nos Estados Unidos deu-se, portanto, durante êstes últimos cinco anos, como parte de um interêsse renovado pelo Brasil. Helen Caldwell, a tradutora de **Dom Casmurro**, publicou uma análise interpretativa do livro, intitulada **The Brazilian Othello of Machado de Assis** (1960). John Nist, o primeiro professor Fulbright de Literatura Norte-Americana na Universidade de São Paulo, publicou, em 1962, pela imprensa da Universidade de Indiana, numa antologia intitulada **Modern Brazilian Poetry**, sua tradução da obra dos mais significativos poetas brasileiros modernos. Recentemente, êsse mesmo professor, numa carta dirigida à Academia Sueca de Artes e Ciências, recomenda Carlos Drummond de Andrade para o Prêmio Nobel de Literatura. Fred P. Ellison, professor associado de português e espanhol na Universidade do Texas, publicou, no ano passado, seu estudo do romance brasileiro moderno, **Brazil's New Novel**. O professor Alberto Machado da Rosa, diretor do **Luzo-Brazilian Center** da Universidade de Wisconsin, publicou recente-

mente no Brasil, pela Editôra Fundo de Cultura, o estudo *Eça, Discípulo de Machado?*.

O presente artigo é uma tentativa no sentido de avaliar as opiniões dos críticos norte-americanos a respeito de literatura brasileira recente publicadas nos Estados Unidos desde 1960, um período consideravelmente prolífico no setor de publicações de traduções americanas de literatura brasileira.

As resenhas de obras brasileiras aqui consultadas provêm de revistas americanas e periódicos recebidos pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília e pelo Centro Cultural Brasil-Estados Unidos da mesma cidade. Foram os seguintes os periódicos consultados: **Saturday Review**, **The New York Times Book Review**, **Time**, **Newsweek**, **Horizon**, **Américas**, **Kenyon Review**, e **Atlantic Monthly**. Tais resenhas foram estudadas e uma avaliação das diferentes opiniões compilada e interpretada. Tomaremos uma obra literária de cada vez, em ordem cronológica de publicação nos Estados Unidos, e em seguida consideraremos a próxima, dividindo assim o artigo em um capítulo para cada obra. Devido à importância do romancista *Eça de Querós*, tanto no Brasil como em sua pátria, Portugal, decidimos incluir também as resenhas concernentes ao seu romance mais célebre, **O Crime do Padre Amaro**.

Esperamos mostrar, através da apresentação das avaliações críticas americanas, o grande interesse ora existente nos Estados Unidos pela literatura em língua portuguesa. Assim o demonstra o lugar de destaque atribuído à literatura brasileira nas revistas consultadas, algumas das quais, como por exemplo **Horizon** e **Kenyon Review**, são revistas de renome e gozam de grande conceito entre os meios artísticos norte-americanos. A acolhida favorável da crítica americana às obras literárias traduzidas para o inglês criou novas perspectivas para a literatura brasileira no mundo. O Brasil, conseqüentemente, compenetrrou-se também da riqueza de sua literatura. Ao propor o nome de Carlos Drummond de Andrade para o Prêmio Nobel de Literatura, o professor John Nist assegurou seu mérito e trouxe à literatura brasileira o justo

e já tardio reconhecimento de seu grande valor. Esperamos que a aprovação mundial, especialmente dos Estados Unidos, seja a centelha que atice a imaginação dos escritores brasileiros e produza uma era de ouro na literatura brasileira.

II. Gabriela, Cravo e Canela

E' oportuno começar pelo último sucesso de Jorge Amado, publicado nos Estados Unidos em 1962. O romance foi traduzido por William L. Grossman e James L. Taylor, autor do **Dicionário de Português-Inglês**. Jorge Amado não é um desconhecido nas letras americanas. Outra obra de sua autoria, **Terras do Sem Fim**, já havia sido traduzida em 1945, sem ter merecido, contudo, a atenção da crítica norte-americana. O romancista brasileiro tem sido comparado ao John Steinbeck de **As Vinhas da Ira** e suas tendências comunistas já se tornaram mundialmente conhecidas. Conseqüentemente, é compreensível que, nas resenhas que se seguem, tenha o autor merecido atenção mais detida que sua obra. Nada mais evidente, tomando-se em consideração o recrudescimento do interêsse dos americanos pelo Brasil. **Gabriela, Cravo e Canela** foi publicado pela editôra Alfred Knopf em 1962.

A dezesseis de setembro de 1962, apareceu na página de rosto do **New York Times Book Review** um comentário a respeito do romance. O autor, Juan de Onis, era na época correspondente do **New York Times** no Rio de Janeiro. Juan de Onis é um entusiasta ferrenho quando se trata de julgar o Brasil ou sua literatura. Dêle é a análise mais ampla e profunda do romance de Jorge Amado. O resenhista acredita ser essencial uma compreensão do livro para um conhecimento da condição transitória do Brasil atual — a transformação de uma sociedade até agora patriarcal, composta por grandes fazendeiros, numa nação moderna, urbana e integrada. Acrescenta a seguir:

Revolta de camponeses, comunismo crioulo, fusão racial, intriga política, sordidez religiosa, sexualidade tropical, violência impune, tudo faz parte da vida atual do povo de Ilhéus. As tensões do dinamismo e da alma con-

traditória do Brasil são a carne e o tendão da estória de Amado; o seu tema, contudo, é o triunfo final da condescendência, da tolerância social sôbre a violência, da vida sôbre a morte.

Tendo-se em vista a impressão geral do romance que nos é fornecida pelo texto citado, não é de admirar que Juan de Onis veja nesta estória o triunfo da arte sôbre o dogma. Na opinião do crítico, o propósito do autor, bem longe de ser o de insuflar revoluções sangrentas, é de simpatizar com o povo, com a vida e com a tolerância social. Menciona êle o término da era dos feudos, em que um homem poderia escapar ileso de um crime cometido em defesa de sua honra. Apresenta-se-nos aqui claramente um Jorge Amado, humano, fato que traz alívio ao resenhista:

Gabriela representa indubitavelmente a libertação artística de Jorge Amado, após um longo período de cometimento ideológico à ortodoxia comunista. Não foi necessário fazer uma confissão pública de seus pontos de vista para vermos que sua integridade artística prevaleceu sôbre a do partido.

Mais adiante, o crítico discorre acêrca da confiança básica do autor numa transformação pacífica das condições sociais brasileiras, isentando-se a violência característica do comunismo. Analisa em Amado um fato que é comum na obra de escritores esquerdistas — solidariedade romântica pelos anseios do povo, e o desejo sentimental e genuíno de melhorar as suas condições de vida, aliado ao fato inexorável dos escritores serem quase sempre péssimos políticos e por conseguinte desiludidos da política. Os comentários do resenhista do **New York Times Book Review** versam também, em grande parte, sôbre o caráter de Gabriela e Mendinho Falcão, protagonistas **round** (1) tridimensionais que “vivem, respiram e sentem como perfeitas criaturas humanas”.

(1) **Protagonistas round**: Segundo E. M. Forster no seu livro *Aspects of the Novel*, **protagonista round** é aquêle que surpreende o leitor por sua verossimilhança. Além disso, a complexidade de caracterização deve ser acompanhada de uma organização convincente de traços e qualidades pessoais. Complexidade de caráter é essencial numa tragédia.

O número de quinze de setembro do **Saturday Review** apresenta uma resenha de **Gabriela, Cravo e Canela** de autoria de Harriet de Onis, uma tradutora enviada à América Latina pelo Departamento de Estado a fim de conferenciar acerca de escritores norte-americanos. Mais uma vez, a contribuição da resenhista para a avaliação do romance baseia-se em informações atinentes ao autor propriamente dito, suas tendências comunistas já ultrapassadas e a liberação dos laços que o ligavam a elas, características essas espelhadas no romance. Admiração profunda pela técnica artística do escritor evidencia-se em passagens como a que se segue:

E' difícil saber o que é mais admirável: a mestria de Amado quando engendra meia dúzia de assuntos, a tênue textura do estilo, ou o seu humor, a sua ternura e a sua humanidade. Não obstante, momentos há em que, comparativamente, **Lolita** parece leitura recomendável para um seminário de mocinhas ingênuas...

Como o seu colega do **New York Times Book Review**, a resenhista em foco menciona as tendências artísticas e humanísticas da obra e a não existência de compromissos com ideologias estabelecidas. Ambos os críticos traçam paralelos entre Amado e o Steinbeck de **Vinhas da Ira**.

A edição de 12 de outubro de **Time** apresenta uma apreciação diferente da obra de Amado. Focalizam os críticos literários dessa revista as implicações do triângulo amoroso e as situações cômicas que advêm da traição de Gabriela a Nacib. Muito embora tenha apreciado o romance, êste crítico, inversamente aos dois outros já mencionados, não encontra nêles objetivos elevados; ao contrário, chega a perder-se nos aspectos grosseiros da obra. O velho Nacib é gordo, como naturalmente teria que ser para seguir as muitas outras versões do mesmo tipo. Considerando o tratamento que o romance dispensa às transformações sociais, diz êle o seguinte:

Nos velhos tempos uma espôsa brasileira exemplar deveria permanecer em casa, falando somente aos criados e a Deus. Atualmente os homens da cidade têm si-

do melindrados; é impossível a um homem regressar a casa depois de uma noite sossegada no meretrício sem deparar com mulheres casadas e seus maridos afeminados, rindo desavergonhadamente à porta do nôvo cinema. Isto é realmente humilhante.

Os dois primeiros críticos considerados foram unânimes em elogiar a técnica artística do livro — a concepção perfeita dos caracteres, a unidade da ação. O crítico do **New York Times Book Review** aponta a intenção da obra de mostrar o caráter essencialmente passivo do brasileiro e Harriet de Onis, do **Saturday Review**, está deslumbrada com o humanismo do livro. Por outro lado, o resenhista do **Time** considera-o primariamente um romance de ação, sem o que E. M. Forster denomina de **enrêdo** (1). Analisa êle apenas o aspecto superficial do romance e o considera uma boa e divertida estória de amôres ilícitos.

O número de inverno de 1963, do **Kenyon Review** trazia uma resenha de **Gabriela, Cravo e Canela** de autoria de Gerald Weales, um dos colaboradores habituais da revista. O resenhista encontra no livro passagens excitantes e considera-o leitura muito agradável.

Em sua opinião, a obra é a descrição de uma cidadezinha em rápida transformação, a cidade de Ilhéus em 1925. Ao contrário dos críticos anteriores, Gerald Weales se concentra na estrutura do romance ressaltando que:

Na primeira parte do livro êle se vale dos acontecimentos de dois dias para criar um cenário, introduzir as personagens e esboçar Ilhéus, naquela época (1925) transformando-se de uma cidade fronteiriça em algo mais estável; na segunda parte os fatos mencionados na primeira são desenvolvidos e a transformação se completa.

Devemos nos lembrar de que **Kenyon Review** é por excelência a revista da Nova Crítica. Conseqüentemente, é natural que a análise da estrutura do livro tenha como base a sua conformação e o inter-relacionamento das diferentes partes.

(1) — **Enrêdo**: O que o romance possui de artístico além da mera narração episódica dos acontecimentos.

Por isso mesmo Weales, ao contrário dos demais resenhistas, avalia o livro como um valor em si, desprezando os fatores que cercaram a sua concepção, como por exemplo, o fato de Amado se ter filiado à ortodoxia comunista.

Analisando a personalidade de Gabriela, o crítico coloca esta “mulher natural, tôda inocência e paixão sexual . . . , refreada pela tentativa de Nacib de convertê-la numa espôsa da classe média”, como parte central da transformação que se processa numa cidade em que “a mulher não é mais propriedade passiva do homem”. O resenhista considera Gabriela demasiado perfeita como mulher e portanto inverossímil — “o livro se torna monótono precisamente quando se detém por muito tempo no caráter da heroína”.

III. Quarto de Despêjo

O romance **Quarto de Despêjo**, de autoria de Carolina Maria de Jesus, foi traduzido e publicado nos Estados Unidos em 1962, dois anos após sua publicação no Brasil.

Abordando um tema empolgante e momentoso que de antemão o destinava ao sucesso, a obra foi encarada pelos americanos como uma reportagem magnífica acêrca das condições sociais vigorantes num país subdesenvolvido — justamente aquela pobreza e esqualidez revoltante que os americanos estavam empenhados em combater através da Aliança para o Progresso. O tradutor, David St. Clair, repórter australiano trabalhando no Brasil a serviço de uma revista de Nova York, escreveu um prefácio realmente valioso para a tradução americana.

As revisões de **Quarto de Despêjo** utilizadas neste artigo provêm do **New York Times Book Review** (3 de setembro de 1962), **Saturday Review** (6 de outubro de 1962), e **Horizon** (novembro de 1962). Delas, a que aparece no **Horizon**, revista luxuosamente encadernada que versa sobre História e Belas Artes, é a mais esmerada, elogiosa e compreensiva. O autor, dr. Gilbert Highet, um dos editôres da revista, é Professor Emérito de Latim e Grego na Universidade de Colúmbia. E'

internacionalmente conhecido por sua erudição, e em especial por sua obra **The Classical Tradition: Greek and Roman Influences on Western Literature**, já traduzida para o espanhol.

O professor Highet manifesta o seu entusiasmo acêrca do advento de literaturas pouco conhecidas no passado devido à inacessibilidade das línguas em que eram escritas, estarem atualmente sendo publicadas em inglês, retratando aspectos da civilização de terras longínquas, que só desta forma podem ser estudados. Mais adiante, comenta êle o fato singular de o Brasil “não ser um único país. Há pelo menos quatro Brasis diferentes: algumas poucas cidades grandes, a vasta selva desumana, os lugarejos e as cidades, e o árido, miserável Nordeste. Podemos distinguir até mesmo um quinto: o Brasil dos negros, com sua religião peculiar, misto de cristianismo e **voodoo**”. Prosseguindo, descreve as impressões de um amigo seu residente no Brasil:

Naturalmente, êle jamais tinha visto os negros do Brasil no seu próprio meio, ‘exceto no carnaval’; entretanto, continua êle, ‘de quando em quando pode-se entrever, nos cantos do campo de golfe, as penas pretas de galo, os ossos, as cinzas e outras coisas mais, e, à noite, muitas vêzes se ouve o rufar dos tambores’.

Para podermos compreender o apêlo que ressoa através da obra de Carolina Maria de Jesus, o seu código moral corrupto e as deprimentes condições sociais em que ela é obrigada a viver, torna-se necessário um conhecimento prévio dêste mundo estranho, alienado da civilização, que é o mundo do negro. Quando pela primeira vez o livro foi publicado, há dois anos atrás, o cabedal de revelações de Carolina representou, para os seus conterrâneos, algo até então ignorado. Êste professor e homem de letras americano, entretanto, tomou-o como algo mais significativo que o impacto chocante da descrição da favela, reconheceu nêle o testemunho de um talento genuíno — uma centelha de inteligência, curiosidade e humanismo a fulgar em meio à escuridão da favela.

A tradução americana intitula-se **Child of the Dark** (Filha da Escuridão). De certa forma, a autora nada mais é que uma criança procurando evadir-se de uma sociedade promíscua para amadurecer num ambiente melhor e mais sadio. Eis o talento humano numa tentativa desesperada de libertar-se da sua forma primitiva, a mente indestrutível do homem emergindo das profundezas do abismo.

Depois de sumariar o livro, como é dever de todo resenhista, o professor Highet chega a uma apreciação final. Estabelecida a sua veracidade, isto é, a verossimilhança da crônica de Carolina, resta enquadrar a obra no cenário da literatura mundial. **Quarto de Despêjo** é uma das poucas revelações de condições miseráveis da sociedade humana narrada por alguém que provém diretamente delas. “Se o diário é verídico, não podemos contestar que é um verdadeiro clássico — pois é uma das poucas obras já escritas sôbre os mais infelizes, os mais miseráveis dos seres humanos por um deles mesmo”. Falando acêrca dos escravos na cultura greco-romana, o professor Highet lamenta o fato de tão pouco se saber a respeito das suas condições de vida. Mesmo nos tempos atuais, relatórios sôbre a classe social desfavorecida têm sido escritos ou por autores cujo nível de vida é superior ao ambiente que analisam e que, por isso mesmo, dão vazão a um sentimentalismo piegas e indevido, ou, como é o caso do estudo sociológico **Children of Sanchez**, descrevem condições sociais superiores às enfocadas em **Quarto de Despêjo**.

Aqui, na verdade, repousa o grande mérito do livro. Não em sua eloquência — o estilo é repetitivo, apressado —, não na imaginação povoada de sonhos fantásticos que revela, mas na veracidade do seu relato, naquela rara exposição de fatos verdadeiros que (neste ponto o crítico é ominoso) “inspira em alguns compaixão, em outros repulsão, e nos demais revolução”.

E’ interessante ressaltar que **Quarto de Despêjo** foi alvo de grandes elogios por parte de crítico tão eminente como o professor Highet, merecendo ainda um lugar de destaque nu-

ma revista de renome como é o **Horizon**. Provavelmente, os brasileiros ainda não aquilataram o valor da contribuição de Carolina Maria de Jesus para as letras universais, a importância da retratação legítima de uma miserável condição social por alguém (e este valor é ímpar) que no seio dela viveu, sofreu, e deu ao mundo, através de sua obra, um depoimento sincero e incontestável.

A resenha de **Quarto de Despêjo** que abordaremos a seguir surgiu na edição de seis de outubro do **Saturday Review**. Foi também escrita por um renomado professor de Antropologia da Universidade de Colúmbia, o dr. Marvin Harris, que recentemente publicou um estudo acêrca de uma comunidade brasileira, intitulado **Town and Country in Brazil**.

Em seu artigo, o professor Harris revela todo um vasto conhecimento antropológico acumulado durante anos. Descreve as favelas com a precisão de um profissional e observa que elas “são habitadas por pessoas que não podem nem mesmo morar em bairros miseráveis”. Pobreza é sempre pobreza, em qualquer parte do mundo. E’ apenas uma questão de quantidade. Há algo que poderíamos denominar favela nas partes mais pobres de Chicago e Nova York — lugares promíscuos, apertados e coabitados por muitas pessoas, onde famílias inteiras cozinham, comem, dormem e amam-se num cômodo compartilhado por ratos, piolhos, percevejos e baratas. No entanto, a pobreza da favela parece tomar proporções maiores do que as condições de vida nos bairros miseráveis das redondezas de Chicago e Nova York.

Água, por exemplo, só se obtém depois de esperar numa fila comprida numa bica distante. Para lavar roupa, Carolina tinha que ir a um rio infestado de vermes. Entre as choças, a lama é diàriamente fertilizada por excrementos humanos, à falta de instalações sanitárias e canos de esgôto.

Em meio a condições tão adversas, Carolina escreve. Mais uma vez, o crítico menciona o consôlo espiritual que derivava do seu talento, que era para ela uma forma de sublimar o

seu ódio da favela. “Quando escrevia, era como se estivesse num palácio dourado, com janelas de cristal e castiçais de prata”.

O antropologista Harris não se satisfaz com a descrição que Carolina faz do seu ambiente social, e espera que a publicação das anotações originais da autora traga à luz alguns aspectos que no livro foram omitidos, provavelmente por receio de “ofender ouvidos delicados”. Exemplo disto é a descrição superficial que Carolina faz dos seus amantes. Outro é a sua omissão consciente de detalhes da personalidade de seus vizinhos, por temor de ofender pessoas ainda vivas. “O estilo de Carolina”, prossegue o resenhista, “ressente a incapacidade da autora de relatar os horrores das suas experiências”. A maneira do professor Highet, êle compara **Quarto de Despêjo** com **The Children of Sanchez**, no entanto, considera a última uma obra ainda mais valiosa. Enquanto o professor Gilbert Highet valoriza o relato que Carolina faz da sua vida, e diz que, de fato, poucos têm sido os livros dessa espécie escritos por alguém que realmente viveu nessas condições, o professor Marvin Harris, ao contrário, lamenta o fato de tal livro não ter sido escrito por um antropologista que, mais do que ninguém, saberia “quão profundo é o significado de pessoas como Carolina num mundo como o de hoje. Desejamos e necessitamos conhecê-las melhor do que elas pensam que queremos conhecê-las”.

O estudo que se segue apareceu na edição de vinte e três de setembro do **New York Times Book Review**. Ao contrário dos dois primeiros, êste é de autoria de um jornalista, o sr. Tad Szulc, que por muito tempo serviu como correspondente do **Times** na América do Sul, e atualmente acha-se estabelecido em Washington. A resenha do sr. Szulc aborda especificamente as condições dos favelados e descreve os males sociais provenientes das cinqüenta mil favelas de São Paulo e do meio milhão do Rio de Janeiro.

(O livro) é ainda um extraordinário documento sociológico da vida nas favelas, dos deprimentes agrupa-

mentos humanos que crescem como cogumelos depois de uma chuva, nas encostas das colinas que ladeiam as cidades brasileiras e em cada faixa de terreno urbano, à medida que multidões enormes de pedestres famintos e desempregados provindos dos campos se acotovellam em busca de trabalho e de comida.

O crítico, cujo caudal de elogios parece inexaurível, louva o estilo “simples e vigoroso” da autora, sua “surpreendente percepção e algo semelhante à nobreza de alma”.

Sentimos, através de seus louvores, que Tad Szulc aprecia o livro irrestritamente, e, mesmo sem o dizer, julga-se no dever de elucidar os americanos quanto à vida nas favelas. Comparado aos estudos críticos previamente abordados, seu sentimentalismo com relação a Carolina torna-se talvez excessivo.

Concluindo, resta-nos analisar comparativamente essas três avaliações de **Quarto de Despêjo**, que encaram a obra sob prismas diferentes. No **Horizon**, o professor Highet nos apresenta sua interpretação simultaneamente literária e humana. Partindo de uma apresentação do mundo do negro no Brasil, êste mundo envolto em mistério, com rituais exóticos que têm lugar a altas horas da noite, o professor Highet nos leva à percepção do isolamento do negro brasileiro. Dos mistérios desses rituais, cuja origem remonta a antigas religiões e costumes africanos, surge essa mulher extraordinária, com revelações inauditas acêrca da vida nas favelas. Em meio à pobreza e degradação, a inteligência humana ainda se eleva, observando e interpretando. Êste é um dos poucos livros que têm a qualidade excepcional de provir diretamente dos recessos da alma de alguém que viveu as experiências que relata.

O antropologista Marvin Harris, do **Saturday Review**, deplora a falta de conhecimento científico que o livro revela, causa direta da aparente omissão de alguns episódios mais grosseiros e da superficialidade da descrição de alguns caracteres. O estilo de Carolina, que deveria suprir a sua ignorância dos métodos científicos, mostra-se inseguro e pouco preciso, deixando muito a desejar.

Finalmente, o sr. Tad Szulc, que escreve no **New York Times Book Review**, aceita o relato de Carolina na sua íntegra, considerando-o um testemunho autêntico dos fenômenos sociais que êle próprio presenciou quando repórter do **Times** no Brasil. Expondo o problema da multiplicação incessante das favelas, êle amplia ainda mais a visão que o livro nos dá do problema, e evidencia o seu contentamento pelo aparecimento de tão oportuna tradução, numa época em que os Estados Unidos estão se apercebendo das condições existentes na América Latina e tentando ajudá-la através da Aliança para o Progresso.

E' interessante observar as diferenças de pontos de vista e de intenções nos três críticos. O professor Highet situa a obra numa das correntes principais da literatura universal e afirma categòricamente que o seu mérito primordial repousa no sofrimento e na inabalável dignidade humana que retrata, características comuns a qualquer época e a qualquer local do mundo. O professor Harris avalia Carolina e seu livro à luz da sua contribuição para um estudo do sofrimento humano em todo o mundo, podendo tal análise ser feita indistintamente em Chicago, Nova York, nas ilhas dos mares do sul, enfim, onde quer que se aloje a infelicidade humana. Por último vem o sr. Tad Szulc, que é o único a querer concentrar a nossa atenção no dilema humano em tôda a sua cruciante realidade, para desta forma despertar a nossa sensibilidade e desentorpecer a nossa apatia.

IV. O Alienista e Outras Histórias

No primeiro semestre de 1963 a apoteose da literatura brasileira continuou nos Estados Unidos. O **National Defense Act** já havia sido promulgado há três anos. Centros de estudo luso-brasileiros eram instituídos nas universidades mais importantes do país, possibilitando aos interessados o ingresso em cursos intensivos de pós-graduação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Portuguesa. Universidades que já se haviam tornado famosas por seus estudos brasileiros reiniciaram suas ati-

vidades nesse setor, com a reabertura de cursos especializados sôbre a cultura brasileira e portugêsa. Entre estas se encontram as universidades de Vanderbilt e Indiana.

O início do ano testemunhou o aparecimento da tradução de poesia brasileira moderna pelo professor Nist. Recentemente foi publicado o estudo do professor Rosa a respeito de Machado de Assis e Eça de Queirós, a que já nos referimos na introdução dêste artigo. Intermitentemente, muitas produções literárias brasileiras e portugêsas estavam sendo traduzidas, e foram levadas a público no primeiro semestre dêste ano. Abordá-las-emos no capítulo final desta análise. Começaremos com **O Alienista e Outras Histórias**, de Machado de Assis, traduzido do português por William Grossman, ex-professor no Instituto Tecnológico de Aeronáutica, e Helen Caldwell, a autora de **The Brazilian Othello of Machado de Assis**. Uma resenha da obra de Machado foi publicada na edição de quinze de junho do **Saturday Review**, tendo por autor Frederick R. Karl, que é preferentemente um crítico de literatura inglêsa e nunca viveu no Brasil.

O sr. Karl parte de uma avaliação do ataque de Machado de Assis ao materialismo e à sofisticação do século dezenove, e prossegue o seu estudo dizendo que foi precisamente êste elemento de escárnio da obra machadiana que a tornou tão popular nos Estados Unidos. “Não obstante”, continua êle, “mesmo satirizando criaturas que almejam o sucesso em prejuízo da decência, Machado de Assis, à maneira de Chekhov, não destruiu seus caracteres para vingar-se das suas fraquezas”. Comparando êsses contos aos romances já publicados em seu país, Frederick Karl se expressa da seguinte forma:

Todos (os contos) contêm reverberações profundas malgrado a sua aparência irônica; todos, enquanto tecem despreocupadamente enredos corriqueiros, exploram facetas significativas da condição humana; todos penetram nas profundidades da experiência do homem com compreensão e simpatia.

Analisando “O Alienista”, a estória que intitula o livro, o crítico a compara com **Dom Quixote**, “o romance arquetipo em

que os t ermos sanidade e insanidade s ao totalmente confundidos e muitas v ezes invertidos". De ac ordo com o ponto de vista machadiano,   mister que as teorias científicas sejam substituídas por pessoas, e essas pessoas devem ser postas em rel evo mesmo quando se mostram irrespons aveis e indignas.

Os contos que mais profundamente impressionaram o resenhista foram: "Missa do Galo", "Uns Braços", e "Pai Contra Mãe". Numa aprecia o geral dos contos de Machado, Frederick Karl diz o seguinte: "A opinião de Machado pode parecer evasiva e ambígua, mas  le   ineg velmente um mestre na arte de traçar rea o es humanas e delinear as nuances de comportamento que caracterizam a hipocrisia e a falsidade".

Êste mesmo livro foi também criticado na edi o de primeiro de abril de 1963 no **Newsweek**. Mais detidamente que a anterior, esta resenha analisa Machado e o livro em foco colocando em rel evo o temário do escritor. O resenhista, que não se identifica, fornece uma série de dados que nos d o a conhecer o alcance da reputa o atingida por Machado nos Estados Unidos.

...Durante as quatro décadas que se seguiram   sua morte, ninguém, nos países onde se fala a língua inglêsa, tinha ouvido falar no nome de Machado de Assis. Então, **Memórias Póstumas de Brás Cubas** e mais recentemente **Dom Casmurro** foram publicados em inglês, e o nome do escritor brasileiro saiu do anonimato quando críticos como **Duddley Fitts** o colocaram no nível de **Flaubert**, **Hardy** e **James**.

Interpretando "A Missa do Galo", o crítico conclui que Machado se identifica com James quando acende a "chama de uma suposta inocência", mas antes que o fogo se extinga, o contista termina a estória, deixando o leitor "eternamente a conjecturar se teria ou não havido uma explosão. Ninguém chega a saber o que se passa na mente da espôsa solitária, ou mesmo se ela própria sabe para que rumo seus pensamentos se dirigem".

Mais uma vez, a estória titular — "O Alienista" — merece palavras elogiosas e   qualificada como uma sátira   vida de

cidade pequena. “Escritor arguto que é, Machado apresenta uma superfície tão artisticamente simples que um olhar é suficiente para abrangê-la tôda, mas ao mesmo tempo tão cuidadosamente retocada que as formas continuam a se transformar indefinidamente”. O que êle quer dizer é que, a uma segunda análise, significados mais profundos e mais transcendentais emergem de uma concepção literária aparentemente simples e despretensiosa, e alusões subentendidas começam a encontrar eco e vibrar na mente do leitor, levando-o a conjeturas que nenhum outro contista conseguiria despertar num breve relato sem exageros metafóricos.

V. **Grandes Sertões: Veredas**

A obra **Grandes Sertões: Veredas** de Guimarães Rosa foi traduzida do português por James L. Taylor, o autor do **Dicionário Português-Inglês**, e Harriet de Onis, cuja crítica de **Gabriela, Cravo e Canela** foi previamente estudada. Foi a primeira tentativa de traduzir Guimarães Rosa para o inglês, visto que a linguagem peculiarmente dialética do escritor dificilmente se presta à tradução. O livro e a respectiva tradução foram avaliados na edição de primeiro de junho de 1963 do **Saturday Review**. O resenhista, sr. Harvey L. Johnson, é professor de Espanhol e Português na Universidade de Indiana. O sr. Johnson lamenta o estilo convencional em que o livro foi traduzido para o inglês, embora admita que seria uma tarefa quase sobrehumana “captar o matiz exato das expressões idiomáticas, dos provérbios, arcaísmos e palavras forjadas pelo autor”. Acredita êle que a popularidade de **Grandes Sertões: Veredas** no Brasil desde a sua publicação seja devida ao “poderoso quadro do sertão ilimitado que o autor nos apresenta”, tendo-se em mente que o livro consiste numa série de experiências vagamente inter-relacionadas, cada qual completa em si mesma, o que torna o enredo um tanto difícil de ser seguido. Conseqüentemente, a obra, longe de ser uma profunda análise descritiva de caracteres estruturada num enredo bem organizado, é em primeiro plano uma descrição sucinta dos ser-

tões brasileiros como eram no passado e como são no momento. Não obstante, é um romance admirável por seu

aglomerado de imagens poderosas e palpitantes de vida; seu modo de narrar direto e original; suas aliterações, onomatopéias e rimas ocasionais; o vigor entusiástico que anima cada uma de suas páginas.

VI. O Crime do Padre Amaro

E' com certa relutância que passamos a considerar Eça de Queirós e sua obra prima, **O Crime do Padre Amaro**, que a rigor não se enquadra neste estudo de opiniões de críticos norte-americanos sôbre obras de literatura brasileira recentemente publicadas nos Estados Unidos. No entanto, Eça tem sido constantemente comparado com Machado de Assis e considerado o outro romancista mestre da língua portugueza. Além de tudo, êle é amplamente lido no Brasil e, conseqüentemente, tornou-se parte tão integrante da literatura brasileira quanto qualquer escritor brasileiro genuíno. Esta parece ser também a opinião dos que criticam êste livro considerando-o igualmente uma manifestação da literatura brasileira. A crítica que ora enfocamos foi publicada na edição de primeiro de junho do **Saturday Review**. O resenhista é William Grossman, que já havíamos encontrado anteriormente como tradutor de Machado de Assis. O sr. Grossman principia sua análise mencionando um trecho de autoria de Émile Zola, onde o célebre escritor afirma que os portuguezes possuíam um grande romancista, igualado por muito poucos na França, e êsse romancista era Eça de Queirós. Encorajado por opinião tão abalizada, o sr. Grossman prossegue seu artigo sumariando o livro e interpretando o estudo crítico do catolicismo que êle apresenta — as beatas e o clero corrompido por sacerdotes mesquinhos e de baixo calibre moral. Entretanto, êle não perde de vista o aspecto que o escritor pretende salientar: “Êle não é contra os padres, êle é contra os fariseus”. Observa ainda a incoerência do caráter de Amaro — “cínico e no entanto com a consciên-

cia pesada, sentimental em relação à jovem e ao mesmo tempo calculista nos seus planos para gozar relações com ela... desorientado ante o desfêcho trágico do romance e no entanto jovial e bem humorado novamente após um curto lapso de tempo”, embora reconheça a veracidade de tal personagem que encarna a eterna inconseqüência da natureza humana.

O sr. Grossman recomenda o romance classificando-o como a obra de um artífice incomparável, e tece algumas considerações lementando que o livro não tivesse sido traduzido antes e afirma que tal omissão se deve,

à nossa relutância em reconhecer a existência de uma grandiosa literatura em língua portugueza que, tenha como cenário o Brasil ou Portugal, é de fácil compreensão pois se fundamenta em tradições que nos são familiares. Na opinião de Federico de Oniz, ‘podemos estar seguros que, tivesse Eça de Queirós escrito em inglês ou francês, êle seria encarado universalmente como um dos maiores romancistas do século dezenove.’

Pela primeira vez, ao longo destas resenhas deparamos com alguém que se vale do argumento da inacessibilidade da língua portugueza para justificar o reconhecimento tardio de um autor. Fica-se a cogitar se o impedimento apontado teria fundamentos reais, especialmente levando em consideração a celebridade do romance russo. E’ óbvio que a língua russa deve ter apresentado, no mínimo, empecilhos equivalentes aos da portugueza e, entretanto o mundo não tardou a reverenciar a excelência de sua produção literária. A esta altura, não nos ariscaremos a formular uma conclusão; não obstante, ao término dêste estudo, tentaremos destacar os motivos que, na nossa opinião, contribuíram para a atual disseminação da literatura brasileira e até certo ponto também da portugueza através do mundo.

Finalizaremos nossa análise abordando a crítica de **O Crime do Padre Amaro** publicada na edição de 26 de abril de **Time** e não identificada, o que usualmente ocorre com essa revista. Depois de dar um relato detalhado do livro e da sua acusação

à sociedade clerical secreta existente em Portugal por volta de 1860, o crítico elogia o estilo magnífico de Eça, “cuja mensagem supera a da maioria dos reformadores literários do século dezenove”. Como Grossman, êle reconhece que o romance, longe de atacar a instituição humana — a igreja — critica “a corrupção da própria natureza humana”. Acha também que a obra é demasiadamente gótica, o que se evidencia, por exemplo, na passagem em que Amélia morre de parto e Amaro faz os preparativos necessários para que seu filho recém-nascido seja assassinado por um parteira.

VII. Conclusão

A chave para uma compreensão verdadeira do atual interesse dos críticos americanos pelo Brasil e sua cultura — neste estudo abordamos apenas a literatura — encontra-se no grande número de resenhas de obras de literatura brasileira enquadradas em revistas populares, especializadas e periódicos, na qualidade das revistas em que foram incluídas, e no lugar de realce que mereceram em tais periódicos.

Embora as resenhas mais superficiais tenham aparecido em revistas populares como o **Time** e **Newsweek**, o simples fato de elas terem sido incluídas é bastante para testificar a acolhida favorável que coisas brasileiras tiveram por parte do povo americano. Periódicos literários, como **The Saturday Review** e **The New York Times Book Review**, muitas vezes publicaram críticas concernentes à literatura brasileira ou na página de rosto (como ocorreu, por exemplo, com **Gabriela**, no **New York Times Book Review**) ou em locais bem visíveis, usualmente reservados para avaliações de obras primas. Além do mais, mencionamos duas revistas que, por sua grande reputação, merecem destaque especial. Uma delas é **Horizon**, um periódico destinado às artes que publica somente os melhores artigos e considera apenas obras de valor comprovado. A crítica do professor Highet sobre **Quarto de Despêjo** foi sem dúvida uma profunda e engenhosa análise que trouxe à luz aspectos do livro até então omitidos. Uma outra revista muito impor-

tante, o **Kenyon Review**, iniciada na Universidade de Kenyon pelo poeta John Crowe Ransom, trazia na edição de inverno de 1963 uma resenha de **Gabriela, Cravo e Canela**.

Vários críticos teceram comentários acêrca da oportuna descoberta da literatura brasileira. O professor Highet considera com prazer a universalidade do mundo contemporâneo, que possibilitou às pessoas cuja língua materna é o inglês um conhecimento da literatura brasileira. O sr. Grossman procura despertar a atenção dos americanos para uma literatura que "se fundamenta em tradições que nos são familiares".

Se alguém dissesse que a língua portuguêsã foi até o presente um obstáculo para a compreensão das obras literárias brasileiras e portuguêsãs, responderíamos que o estudo intensivo que dela se está fazendo atualmente nos Estados Unidos conseguiu em grande parte remover a barreira.

Vivemos num mundo em que não existem distâncias e nações outrora consideradas longínquas e exóticas se vão tornando conhecidas. Sua valiosa cultura vai paulatinamente se propalando pelo mundo afora. O Brasil, nação de vastas dimensões, despertando nos trópicos, chama a si mais e mais os olhares curiosos de todo o universo.

País sempre preocupado com outras civilizações, recebe agora a atenção de outros países anteriormente edificados. O reconhecimento da literatura brasileira, a meados do século vinte, prova, como vimos, que, literariamente pelo menos, o Brasil está apto para tornar-se a nação do futuro.